

ESTUDOS SOBRE A  
CIDADE ANTIGA

Maria Beatriz Borba Florenzano  
Elaine Farias Veloso Hirata  
(orgs.)

edusp

FAPESP

# Monumentalidade e Representações do Poder de uma Pólis Colonial<sup>1</sup>

Elaine Farias Veloso Hirata<sup>2</sup>

**E**M SOCIEDADES ANTIGAS E CONTEMPORÂNEAS AS REPRESENTAÇÕES DO PODER SÃO VEICULADAS POR MEIO DE DISCURSOS E TAMBÉM POR TODA UMA GAMA DE OBJETOS MATERIAIS. O RECURSO À MATERIALIDADE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE todo tipo de poder – político, econômico, religioso – é, hoje, uma das áreas mais importantes de pesquisa da arqueologia do Mediterrâneo antigo. Assim, a abordagem tradicional que via nas grandes obras arquitetônicas apenas a originalidade e beleza da manifestação artística vem sendo progressivamente substituída por análises que buscam o componente ideológico motivador dessas realizações, que mobilizaram gastos excepcionais de recursos, energia, tempo. Essas novas tendências resultam, em última instância, do longo processo de reformulação teórica por que vem passando a arqueologia desde os anos 1970.

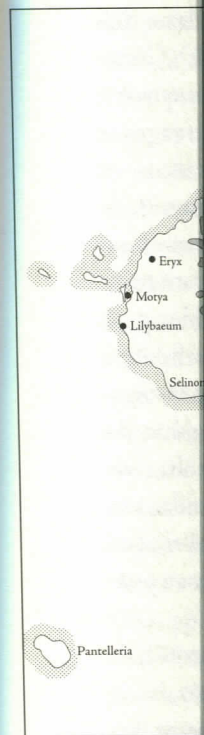
No conjunto de perspectivas interpretativas na análise da relação espaço-sociedade, alinham-se, hoje, os arqueólogos de correntes pós-processualistas que identificam no chamado “espaço construído” uma via de comunicação entre grupos sociais hegemônicos ou poderes institucionalizados e os demais grupos de indivíduos integrantes de uma sociedade. Pearson e Richards (1994) observam na forma e disposição das estruturas arquitetônicas na paisagem a manifestação visual da ideologia que dá suporte a relações sociais assimétricas, típicas de sociedades rigidamente hierarquizadas.

1. Este artigo é uma versão ampliada de uma comunicação oral apresentada no *Seminário Internacional Archai – A Cidade Antiga: Categorias Conceituais e Representações Sociais*, em junho de 2008, na Universidade Nacional de Brasília.
2. Professora de Arqueologia Clássica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora principal do Labeca.

Assim, na esteira da busca do entendimento das interações entre espaço, sociedade, relações de poder, alguns autores, como o arqueólogo B. Trigger (1990), defendem o pressuposto de que, nas construções monumentais, ou seja, naquelas que excedem tanto em “escala” quanto em “qualidade de construção” as necessidades funcionais de um edifício, atesta-se o chamado “consumo conspícuo”, um comportamento que integra as estratégias de afirmação do poder em sociedades estratificadas. O principal pressuposto que embasa essa interpretação é a constatação de que nas sociedades humanas o controle de energia constitui “a mais fundamental e universalmente reconhecida medida de controle de poder e daí decorre que o mais básico meio pelo qual o poder pode ser simbolicamente reforçado é através do ‘consumo conspícuo’ de energia” (Trigger, 1990, p. 128). Para Trigger, o consumo conspícuo amplia uma perspectiva materialista do comportamento humano ao incorporar “vários aspectos significantes dos componentes ideacionais deste comportamento que aparecem no registro arqueológico” (*idem*, p. 132). Naturalmente, a arquitetura monumental é uma forma de alta visibilidade e durabilidade a comunicar esse tipo específico de consumo “extraordinário” associando-o a um governante ou a uma camada hegemônica detentora do poder. São edificações que testemunham como esses detentores do poder conseguem dispor de habilidosos artesãos, uma grande monta de recursos materiais e massivas quantidades de trabalho para realizar essas obras. O princípio do “consumo conspícuo” seria, pois, a contrapartida oposta a outro comportamento muito observado nas sociedades humanas, o princípio do “menor esforço”, ou seja, o recurso a um gasto maior de energia no tempo curto para reduzir o dispêndio da energia no tempo longo.

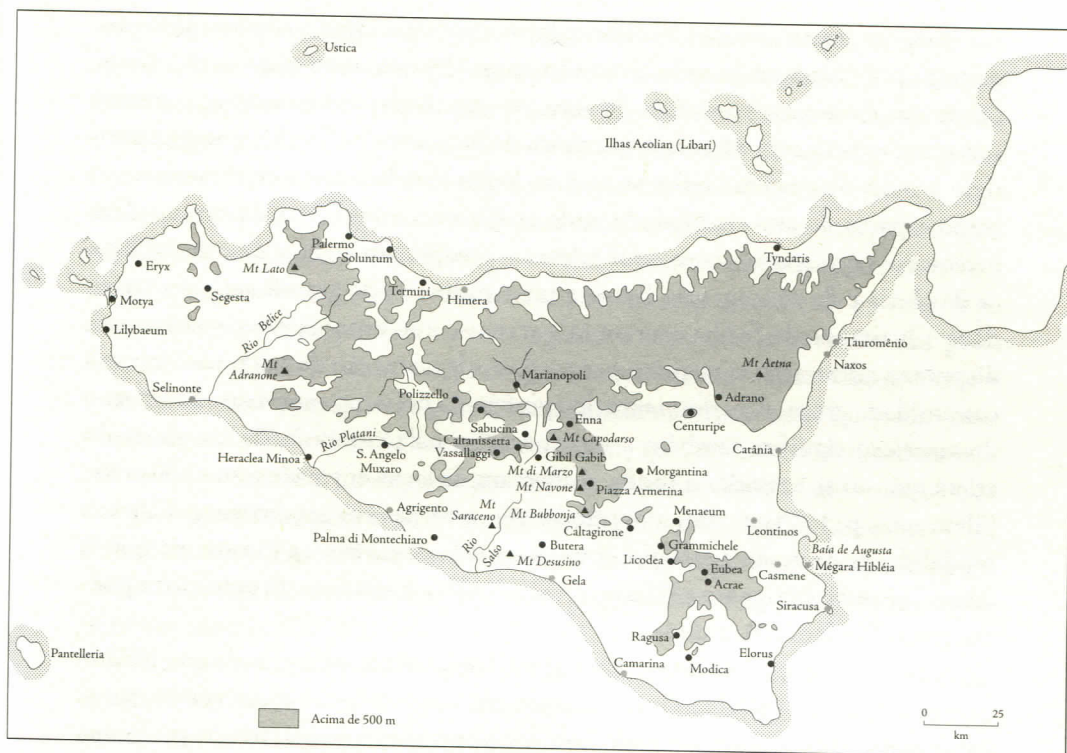
A seguir buscaremos analisar a presença de construções monumentais na Sicília grega sob a ótica proposta por Trigger, relacionando esses projetos construtivos aos objetivos propagandístico-ideológicos dos governos tirânicos de duas pólis: Siracusa e Agrigento. Entendemos aqui o conceito “ideologia” como é definido por Knapp, ou seja, “[...] não só uma reflexão epifenomênica sobre a base político-econômica de uma sociedade mas como *mais um meio pelo qual grupos mantêm, resistem ou mudam ativamente seu poder relativo dentro da sociedade*” (Knapp, 1988, p. 132). Decorre daí que ideologia e poder estão em contínua e íntima interação e para que os grupos hegemônicos continuem exercendo seu domínio sobre os demais a ideologia é reiterada por meio de estratégias e símbolos que usam suportes variados e, dentre eles, os materiais que podem ser acessados pela análise dos arqueólogos. Para Knapp, certos artefatos, como as construções monumentais, enquanto “correlatos materiais” da ideologia, constituem vestígios tangíveis de um “aparato ideológico centralizado” (Knapp, 1996, p. 16).

Assim, na Sicília, área onde os gregos fundaram pólis a partir do século VIII a.C. constata-se, entre os séculos VI e V a.C., a introdução de projetos construtivos de escala monumental: os templos. Tais edifícios, muito maiores do que os da Grécia Balcânica, estão localizados em áreas dominadas, ao momento da



constru  
r). Desde  
arqueoló  
mais apr  
melhor i  
dados or  
Diodoro  
siceliotar  
certos ca  
A po  
dançada  
Jogos Pa  
formas u

3. P. ex. I...
4. Segun...



Mapa da Sicília

construção, por governos tirânicos, como é o caso de Siracusa e Agrigento (fig. 1). Desde o final do século XIX, esses sítios foram documentados por trabalhos arqueológicos e, ainda hoje, são estudados tanto com vistas ao conhecimento mais aprofundado da arquitetura antiga, quanto, sobretudo, com o intuito de melhor inseri-los no processo histórico que se desenrolou na ilha. Ao lado dos dados oriundos das escavações, temos dentre as fontes escritas especialmente Diodoro Sículo (1 a.C.) que, ao relatar episódios protagonizados pelos tiranos siceliotas, faz muitas referências a seus projetos construtivos, fornecendo, em certos casos, descrições detalhadas dos trabalhos<sup>3</sup>.

A poesia lírica, especialmente os epinícios<sup>4</sup>, que eram as odes cantadas e dançadas por um coro de homens ou meninos em honra de um vitorioso nos Jogos Pan-helênicos, nos fornecem dados importantes sobre uma das principais formas utilizadas pelos tiranos para divulgar seus projetos políticos e promover

3. P. ex. Diodoro XI 25.2-5 a propósito da construção pelo tirano Téron de Agrigento do Olimpiéion e da *Kolymbreta* nesta pólis.

4. Segundo Nagy (1990, p. 142), o termo grego *epi-nikion*, (epinício), significa, literalmente, alguma coisa como "o que é em compensação pela vitória (*nike*)"; o epinício era composto de grupos de três estrofes (triades) e tinha também três partes: o relato da vitória, desenvolvimento mítico do assunto e, por fim, o elogio do vencedor e exortações morais.

sua imagem: a participação em tais competições, que eram presenciadas e disputadas por cidadãos de todo o mundo grego (Hirata, 1996-1997, p. 61). Constituem também uma estratégia de auto-representação dos tiranos que envolve sua aproximação com a figura arquetípica do “vencedor” – “herói”, que traz prestígio à pólis de origem<sup>5</sup>. Sabe-se que os Jogos Pan-helênicos configuravam-se como espaços de alta visibilidade onde os Estados integrantes da comunidade helênica – representados por seus atletas – competiam vigorosamente em busca da glória e da consagração frente a uma audiência de grande representatividade. Os tiranos da Sicília usaram tais arenas como espaços privilegiados para disputar a admiração, o respeito e conseguir a legitimação de seu poder frente à comunidade grega. A *performance* do epinício na pólis, no momento do retorno do vitorioso significa também a incorporação, pela comunidade, da glória do atleta que, ao se estender a todos, reafirmava os laços entre ele e sua pólis (Mc Glew, 1993, p. 37). Em comemoração às suas vitórias, em geral conseguidas nas modalidades de maior prestígio, como a corrida de carros, os tiranos siceliotas, como Téron de Agrigento e Hiéron de Siracusa<sup>6</sup> comissionavam epinícios a poetas como Píndaro e Baquilides.

A Sicília, vale lembrar, era célebre, já na Antigüidade, pela grande quantidade de tiranos que se sucediam praticamente em todas as pólis e, em certos casos, como Agrigento, tomavam o poder pouco tempo após a fundação<sup>7</sup>. As pesquisas mais recentes sobre esse fenômeno tentam ultrapassar a tradicional e veemente condenação que os pensadores atenienses do período clássico construíram sobre os tiranos e que permaneceu no pensamento político ocidental<sup>8</sup>. Na contramão da maioria dos autores modernos, Sian Lewis (2006) questiona se a permanência de governos tirânicos em várias áreas do Mediterrâneo bem como sua aprovação por contingentes expressivos da população, como é o caso da aclamação popular de Hiéron de Siracusa (Diodoro II, 26, 5-6; 67, 2-3) não seriam indicadores relevantes no sentido de esse tipo de governo ter vantagens a oferecer, em determinadas circunstâncias. No caso da Sicília constata-se uma instabilidade político-social endêmica gerada pelos conflitos que os gregos enfrentavam em várias frentes: de um lado a competição entre as próprias pólis pelo domínio territorial e outras tantas rivalidades trazidas das áreas de origem ou iniciadas ali; a disputa com as populações nativas que foram sendo progressivamente desloca-

5. Nagy (1990, pp. 142-143) interpreta as competições pan-helênicas como um programa ritual em honra de um herói que tem na apresentação do epinício seu estágio final.
6. Sobre os tiranos siceliotas há várias publicações, mas o estudo mais detalhado e abordagens inovadoras é N. Luraghi, *Tirannidi arcaiche in Sicilia e Magna Grecia*, 1994.
7. Agrigento teria sido fundada em 580 e já entre 572 e 556 o tirano Fálaris é documentado na história da pólis (Braccesi, 1998, p. 5).
8. N. Bignotto (1998, p. 13), para quem “A tirania, assim como a democracia é uma invenção grega; invenção cuja radicalidade e originalidade afetaram de maneira significativa a história política do Ocidente...”.

das para o  
ameaça da  
desse pred  
a uma cap  
tivessem s

A tiran  
experiênci  
postura in  
desencade  
vizinhas u  
mais clarar  
Hipócrates  
por um de  
dá início a  
Gélon don  
chega a ab

1994, pp. 11

Gélon r  
pan-helêni  
que certam  
verdade, er  
240-241; V

À busc  
ção urbaná  
como “a ref  
se apresent  
poder a un  
1994, p. 288

Heródo  
compulsóri

9. Luraghi (1994, p. 11) afirma que a tirania em Siracusa foi uma invenção grega, não uma adaptação da tirania ateniense.
10. As fontes principais para a história da Sicília são Diodoro II, 26, 5-6; 67, 2-3; e Plutarco, *Heródo*, 1, 1, 1-2.
11. Gélon assumiu o poder em Siracusa em 485 a.C., após a morte de seu irmão Hiéron II.
12. O termo *tyrannos* foi usado pelos gregos para designar governantes que não eram hereditários, mas que tinham o poder absoluto. O termo foi usado também para designar governantes que não eram hereditários, mas que tinham o poder absoluto. O termo foi usado também para designar governantes que não eram hereditários, mas que tinham o poder absoluto.

das para o interior diante da expansão das pólis gregas; finalmente, a constante ameaça das cidades púnicas que ocupavam a porção ocidental da ilha. Diante desse precário equilíbrio de forças, o poder centralizador de um tirano, aliado a uma capacidade de organizar reações efetivas diante do perigo externo, talvez tivessem sido elementos favoráveis na avaliação dos governados.

A tirania na Sicília apresenta algumas particularidades que a tornaram uma experiência original no mundo grego e um dos pontos que merece destaque é a postura imperialista de seus principais tiranos que, ao assumirem o poder, logo desencadearam uma política externa agressiva tentando o domínio das pólis vizinhas utilizando, inclusive, contingentes mercenários<sup>9</sup>. Essa característica é mais claramente perceptível a partir, aproximadamente, de 498 e 491 a.C.<sup>10</sup>, com Hipócrates de Gela (Heródoto 7.154.1 e 7.155.1) que, ao morrer, é sucedido não por um de seus dois filhos, mas por Gélon, eficiente comandante militar que dá início a um longo período de tirania conduzido pela família Deinomênida<sup>11</sup>. Gélon domina Siracusa e a torna o centro de um império que, em seu ápice, chega a abranger boa parte das fundações gregas (Braccesi, 1998, p. 22; Luraghi, 1994, pp. 119 e ss.).

Gélon torna-se o primeiro tirano siceliota a participar de uma competição pan-helênica: em 488 a.C., vence a corrida de quadriga nos Jogos Olímpicos, o que certamente foi capitalizado para legitimar seu acesso ao poder, realizado, na verdade, em prejuízo dos herdeiros naturais de Hipócrates (Luraghi, 1994, pp. 240-241; Van Compernelle, 1969, p. 316).

À busca de aprovação do seu governo, Gélon promoverá uma remodelação urbanística de Siracusa, processo que foi qualificado por alguns autores como "a refundação de Siracusa": "De fato, a refundação geloniana de Siracusa se apresenta como o único caso em que um tirano, além de impor seu próprio poder a uma cidade, constrói, ele mesmo, a cidade que dominará" (Luraghi, 1994, p. 288).

Heródoto descreve essa ação de Gélon destacando o uso da transferência compulsória de populações das cidades dominadas para Siracusa<sup>12</sup>:

9. Luraghi (1994, p. 377) interpreta a tirania siceliota em analogia com a que se estabeleceu na Ásia Menor, Policrates de Samos também implementou uma política externa agressiva e usou tropas mercenárias como seus pares da Sicília.
10. As fontes são controversas quanto à data de início da tirania em Gela. Para esta discussão cf. Luraghi (1994, p. 119, n. 1).
11. Gélon assume o poder em Gela por volta de 491-490 a.C. e permanece na cidade até aproximadamente 485-484, quando se instala em Siracusa e aí permanece até a morte, em 478-477; Hiéron, seu irmão e por ele indicado a sucedê-lo, governa até 467-466.
12. O termo grego *metoikesis*, originalmente usado para mudança individual, aparece em alguns autores antigos referindo-se às cidades: Diodoro Sículo 14.36.4, a respeito de Magnésia; Diodoro Sículo 15.76.2 e Estrabão 14.2.19 sobre Cós e Diodoro Sículo 13.75.1 sobre Rodas (*apud Demand*, 1990, p. 9).

Senhor de Siracusa, Gélon passou a dar menos importância a Gela, confiando o governo desta a seu irmão Hiéron e reservando para si o de Siracusa, que tinha em maior conta. Siracusa desenvolveu-se rapidamente, tornando-se uma das mais florescentes cidades da região. Gélon para ali transferiu todos os habitantes de Camarina, fê-los cidadãos siracusanos e destruiu sua primitiva cidade. Agiu da mesma maneira em relação à maioria dos gelanos. Em seguida, cercou os megarinos da Sicília, obrigando-os a render-se (Heródoto 7.158).

Assim, temos uma estratégia que, de um lado amplia sobremaneira o número de habitantes criando uma “megalópolis”, mas ao mesmo tempo suscitando, no futuro, a emergência de focos de tensão social (Demand, 1999; Vatuone, 1994). A magnitude desses deslocamentos compulsórios de população pode ser observada nos dados a seguir: após instalar-se em Siracusa, Gélon transfere para lá, a uma distância de 140 km, metade da população de Gela (Heródoto 7.156) que, naquele momento, podia ser considerada, ao lado de Agrigento, como uma cidade rica da Sicília (Demand, 1999, p. 47); a seguir arrassa a pólis de Camarina, que se havia rebelado contra o tirano imposto por ele, e também realoca a população sobrevivente em Siracusa, distante 110 km de Camarina, escravizando-os (Heródoto 7.156). Nessa mesma passagem, Heródoto relata que, em Mégara Hibleia, situada a 24 km de Siracusa, Gélon promoveu também o deslocamento populacional, mas optando por conceder cidadania aos ricos – que haviam liderado uma rebelião – e escravizando os pobres, ou seja, ampliando seus recursos em força de trabalho e força bélica.

Acreditamos que tais transferências compulsórias de populações possam ser incluídas no fenômeno do “consumo conspícuo” pois, na essência, mobilizam e transferem enormes contingentes de força de trabalho que, eventualmente, são utilizados em projetos construtivos na pólis tirânica, ou então se transformam no exemplo vivo do poder do governante diante das pólis vizinhas. Em ambos os casos, a figura do tirano aparece, a seus subordinados, como o poder forte que dá segurança a seus cidadãos e projeta o nome da cidade.

Tendo sua posição consolidada em Siracusa, Gélon retoma, por volta de 480 a.C., com maior empenho, a guerra contra os cartagineses, já em curso desde o início de seu governo. Demand, assim, associa os dois movimentos políticos de Gélon de Siracusa: “[...] os tiranos Deinomênidas da Sicília usaram uma forma de *metoikesis* – sinecismo físico – para criar instrumentos de poder formidáveis que os capacitaram a enfrentar a ameaça cartaginesa e, ao mesmo tempo, criar uma base de poder para seu próprio governo” (Demand, 1999, p. 45).

Neste limiar do VI para o V século a.C., além de Siracusa, outras pólis sicilianas, como Agrigento, se encontravam em uma fase de crescimento econômico e consolidação do processo de instalação na nova terra. Na esfera política, Agrigento também convivía com governos tirânicos desde os primeiros tempos de fundação, como vimos anteriormente e, nesse momento, tinha Téron, da família

dos Emên-  
ginesa qu  
to sob o d  
comando

Heróc  
dos tiran  
do Orient  
as forças  
(Heródot

Diodo  
bate, info  
mo, dirig  
drontado  
teria com  
o princip  
de táticas  
acontecin  
mado pel  
das figur  
nos texto  
tando qu  
monume

Diodo  
acontecin  
os vence  
indeniza  
trução d  
há inform  
mas, hoj  
principio  
Templo  
gia, Sirac  
Os arqu  
os” o qu  
talvez, at

13. Uma c  
mento  
morte  
a neta  
cipais  
que ta  
desdo  
tyrans

dos Emênidas, no poder. Assim, diante de uma nova investida da armada cartaginesa que, sob o comando de Amílcar, tenta apossar-se de Himera, no momento sob o domínio de Téron de Agrigento, Gélon se alia ao tirano agrigentino no comando da reação grega ante o perigo púnico<sup>13</sup>.

Heródoto relata a célebre batalha de Himera (480 a.C.) vencida pela aliança dos tiranos Téron e Hiéron aproximando-a da vitória grega ante os “bárbaros” do Oriente: “[...] acrescentam os sicilianos que, no dia em que os gregos bateram as forças persas em Salamina, Gélon e Téron desafiaram Amílcar na Sicília” (Heródoto 7.165-7).

Diodoro Sículo (II, 20-27) apresenta uma descrição mais detalhada do combate, informando-nos que, após o desembarque da frota de Amílcar em Panormo, dirigiram-se os cartagineses e seus aliados para Himera, onde Téron, amedrontado, teria pedido socorro ao tirano siracusano. Gélon, já de sobreaviso, teria com presteza vindo em apoio dos agrigentinos e, mais que isso, tornara-se o principal protagonista da contenda, ao impor aos inimigos a derrota, através de táticas bélicas hábeis e de grande eficácia. Diodoro finaliza sua versão dos acontecimentos relatando o glorioso regresso de Gélon à Siracusa, onde foi aclamado pelo povo com “benfeitor e salvador”, *euergetes* e *soter*. O enaltecimento das figuras dos tiranos, e em especial dos Deinomênidas, é um traço marcante nos textos de Diodoro Sículo, que reafirma o apreço do dêmo por Gélon relatando que, após a morte do tirano, os siracusanos teriam construído uma tumba monumental para ele e sua esposa Demarete (Diodoro II, 38; 14, 63).

Diodoro (II, 26, 2), vale lembrar, constitui a fonte mais completa sobre esses acontecimentos e é em seu texto que encontramos a menção às condições que os vencedores impuseram aos cartagineses derrotados: o pagamento de uma indenização pequena, dois mil talentos de prata, e arcar com os custos da construção de dois templos onde seriam depositadas cópias do tratado de paz. Não há informação no texto sobre os locais onde tais templos deveriam ser erigidos mas, hoje, acredita-se que seriam Siracusa e Himera. A grande similaridade dos princípios construtivos dos templos dedicados a Atena em Himera, o chamado Templo da Vitória (p. 128) e do Atenaion (p. 129, em cima) localizado em Ortígia, Siracusa, levou à identificação deles com aqueles mencionados por Diodoro. Os arqueólogos os consideram, do ponto de vista arquitetônico, “templos gêmeos” o que indicaria, inclusive, a contemporaneidade da construção, conduzida, talvez, até por um mesmo arquiteto (Mertens, 2006, p. 256; figs. 464 e 465).

13. Uma característica importante nessas alianças entre famílias de tiranos siceliotas é o uso dos casamentos como forma de consolidação do poder: Gélon se casa com uma filha de Téron; depois da morte de Gélon, seu irmão Polizalos casa-se com ela; Hiéron, outro irmão de Gélon, se casa com a neta de Téron e Téron casa-se com a filha de Polizalos. Assim, no início do século V a.C. os principais poderes tirânicos da Sicília se encontram harmonizados por meio de alianças matrimoniais que também estabelecem relações de dependência entre os chefes. A respeito desta questão e seus desdobramentos na história política da ilha cf. o importante artigo de Louis Gernet, *Mariage des tyrans* (1976, pp. 299-312).





A localização de cada um é emblemática: o Templo da Vitória de Himera foi erigido possivelmente nas proximidades ou no próprio campo de batalha e o Atenaion na área central de Ortígia, que se constitui na área onde estão os vestígios dos primeiros assentamentos humanos de Siracusa. Nessa área, a chamada *Piazza del Duomo*, escavada já nos primeiros decênios do século xx pelo célebre arqueólogo italiano Paolo Orsi, foram recuperadas, entre 1996 e 1998, pelos novos trabalhos arqueológicos, as fundações do mais antigo edifício de caráter sagrado – o oïko – implantado no espaço que “constitui o coração da cidade grega, da medieval e sobretudo, da barroca” (Voza, 1999, pp. 7-9, figs. 1- 4 e 9).

O famoso Atenaion, construído em 480 a.C., ainda hoje é visível, pois foi transformado sucessivamente em igreja cristã e depois na catedral – o *Duomo* de Siracusa.

Um templo localiza-se em Himera, perto da cena da batalha, o outro na área sagrada central da cidade governada pelo principal comandante da vitória, mas, e quanto a Agrigento? Diodoro (9,25,1-4) é novamente a fonte que descreve que, aos agrigentinos, coube a maior parte dos prisioneiros de guerra, disponibilizados por Gélon para que Téron pudesse embelezar sua cidade (Mertens, 2006, 260, figs. 466, 468 e 469). E, de fato, os vestígios de um templo excepcionalmente grande são datados de poucos anos após a vitória de Himera. Dedicado a Zeus Olímpico, trata-se de um Olimpíeion (p. 129, em cima, e p. 130)<sup>14</sup>. A excepcionalidade do Olimpíeion de Agrigento resulta, em primeiro lugar, de suas

14 Diodoro 13.82,2, em sua posição favorável aos Deinomênidas, descreve em detalhes o edifício.

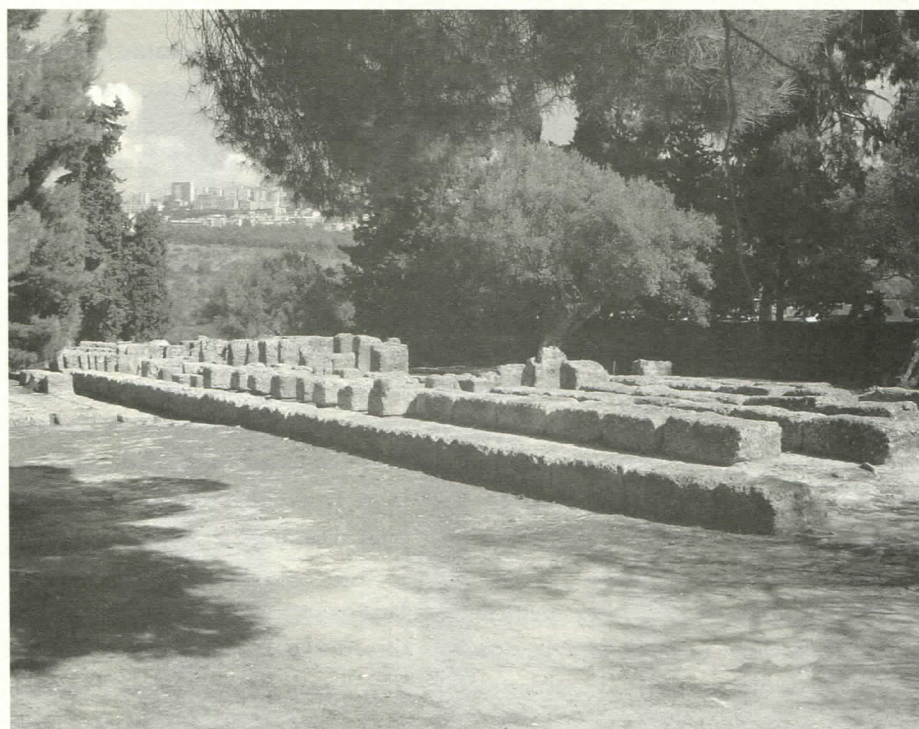


Vista de Siracusa

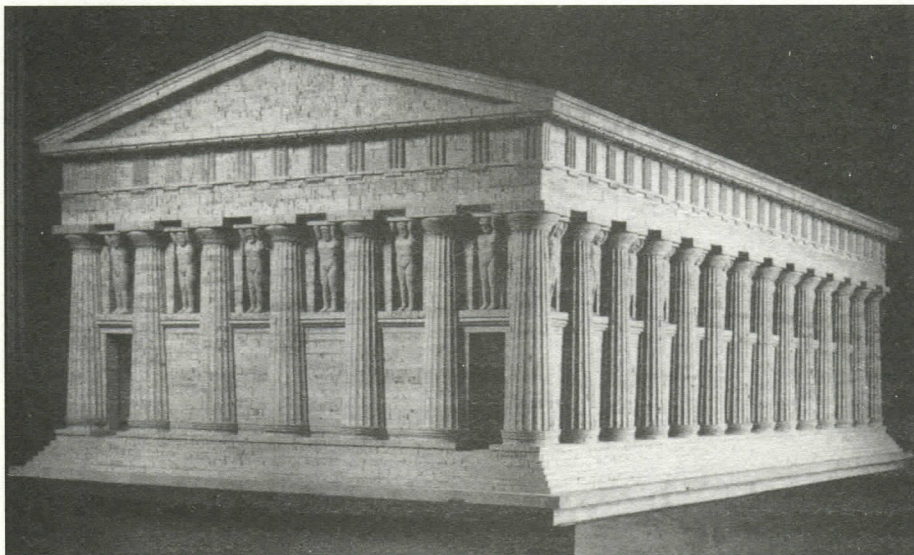


ria de Himera  
de batalha e o  
estão os vestí-  
rea, a chamada  
x pelo célebre  
998, pelos no-  
de caráter sa-  
a cidade grega,  
4 e 9).  
isível, pois foi  
al – o *Duomo*

o outro na área  
a vitória, mas,  
e descreve que,  
disponibiliza-  
Mertens, 2006,  
o excepcional-  
era. Dedicado  
p. 130)<sup>14</sup>. A ex-  
lugar, de suas  
alhes o edifício.



Vista das fundações do templo da Vitória em Himera (página ao lado); Atenaion de Siracusa, atual *Duomo* da cidade (em cima) e altar monumental do Olimpiéion de Agrigento (embaixo). Fotos: Labeca.



Olimpiéion de Agrigento: maquete do Museu Regional de Agrigento (acima) e planta, escala 1:1000 (página ao lado, em cima) (Mertens, 2006, figs. 468 e 469, p. 262); e reconstrução do sistema do lado longo (página ao lado, embaixo) (Koldewey, Puchstein, 1899; Mertens 2006, fig. 470, p. 263).

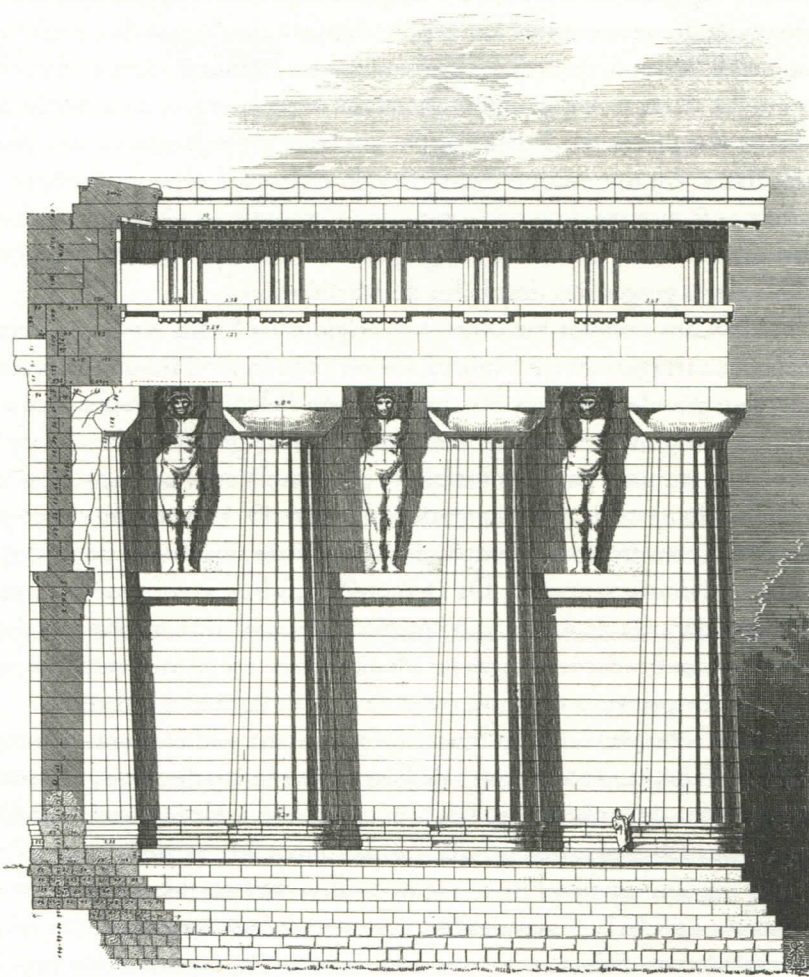
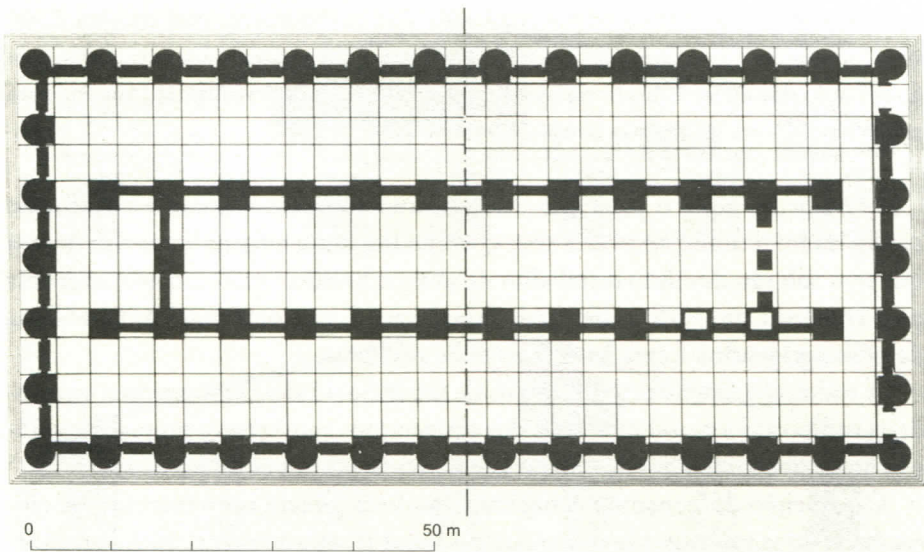
dimensões gerais: 56,30 x 112,60 m; *perístasis* com 7 x 14 semi-colunas/pilastras e *naós* com vigorosas pilastras quadradas; as colunas possivelmente teriam medidas entre 19,20 e 21,57 m de altura (pp. 130-131). Muito significativo também é o tamanho gigantesco do altar, colocado a cerca de 50 m a leste da entrada do templo e medindo 54 x 15,70 m. Mertens acredita que este altar tenha sido o mais imponente do Ocidente até a construção do altar de Hiéron II em Siracusa (2006, p. 265). Entre o templo e o altar desenhava-se uma área quadrada e ampla que poderia funcionar como uma espécie de esplanada utilizada pelos fiéis quando ocorriam as festividades e os sacrifícios em honra de Zeus Olímpico.

A notícia de Diodoro que dá conta da utilização de grande número de prisioneiros cartagineses para a construção dos templos e principalmente daquele erigido de Agrigento é corroborada por um dos primeiros estudos dessa construção, ainda no século XIX. Trata-se da obra de R. Koldewey e O. Puchstein, *Die griechischen Tempel in Unteritalien und Sicilien*, onde se lê:

Pode-se dizer que sua planta inteira foi calculada de sorte a ser realizada no menor tempo possível por uma imensa quantidade de operários; daí sua monumentalidade e o emprego de muitíssimas pedras e destes dois fatores resultam a implantação pseudo-díptera, a linha de pilastras no interior e, enfim, a ornamentação com atlantes (Koldewey e Puchstein, 1899, p. 165 *apud* Mertens, 2006, p. 261).

Mertens acredita ainda que depois de feitas as

nta,  
econs-  
1899;  
ilastras  
am me-  
ambém  
rada do  
sido o  
iracusa  
a e am-  
os fiéis  
pico.  
de pri-  
daquele  
a cons-  
chstein,  
o menor  
lidade e  
pseudo-  
es (Kol-



*Monumentalidade e Representações do Poder de uma Pólis Colonial*

[...] observações relativas ao projeto, a cada uma das formas, às suas relações, à técnica construtiva e à organização, o templo poderia ter sido iniciado logo após 480, com a utilização dos meios e dos homens disponibilizados devido à vitória de Himera, para ser construído em brevíssimo tempo (Mertens, 2006, p. 265).

Novamente aqui, o princípio do “consumo conspícuo” aparece claramente configurado: o tirano aparece a seus governados como a figura forte e poderosa que tem sob seu domínio o trabalho de muitos homens e os recursos materiais para construir um edifício de escala monumental, que se tornará um emblema da pólis agrigentina frente às demais pólis siceliotas.

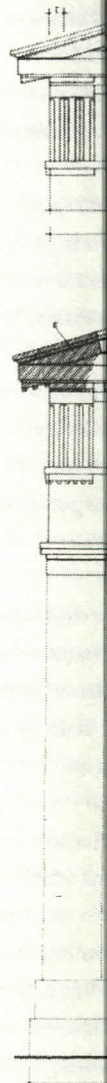
A realização sistemática dos rituais de sacrifício no altar monumental que poderia comportar a presença maciça dos agrigentinos com certeza propiciaria a Téron novas oportunidades de reiterar seu poder frente aos cidadãos de sua pólis.

O princípio do “consumo conspícuo” também poderá ser observado na oferta de dons valiosos que os tiranos siceliotas faziam aos santuários pan-helênicos –especialmente Delfos e Olímpia. Neste caso, o objetivo seria a afirmação do poder dos governantes e suas pólis diante da audiência da Grécia balcânica e, ao mesmo tempo, reafirmar o pertencimento ao mundo grego. A vitória de Himera foi, desde a Antigüidade, reiteradas vezes, comparada à vitória dos gregos diante dos persas em Salamina. De um lado, propagandeava-se a coincidência das datas: em um mesmo dia, teria sido rechaçado o perigo bárbaro que ameaçava as fronteiras do mundo grego no Oriente e no Ocidente. Gélon e Téron igualavam-se aos comandantes gregos na vitória que preservava a integridade dos valores gregos nos dois lados do Mediterrâneo.

Além dos templos monumentais erigidos na Sicília para comemorar a derrota dos cartagineses em Himera, Gélon e seu irmão Hiéron se fizeram presentes, com grande destaque, no santuário pan-helênico de Delfos com a oferta de um monumento valioso, composto de duas grandes trípodas de ouro, assentados em uma base em forma de campânula com uma inscrição epigráfica celebrando a vitória (Mertens, 2006, fig. 463). O “ex-voto” foi estrategicamente localizado em frente ao Templo de Apolo, a ser observado por todos que visitavam o famoso santuário. Os Deinomênidas buscavam, assim, aproximar sua imagem daquela de Apolo, o Arquegueta, o Fundador, que havia sido o grande protetor das fundações gregas no Mediterrâneo e a quem, como indicam as fontes, era obrigatório a consulta antes da partida para as novas terras.

Os siracusanos também buscaram registrar sua vitória no santuário pan-helênico de Olímpia. Recolheram e dedicaram os objetos de técnica mais sofisticada, preservados do butim cartaginês, e para armazená-los fizeram construir um *thesaurós* que Pausânias descreve, de forma equivocada, como “cartaginês” (fig. 8).

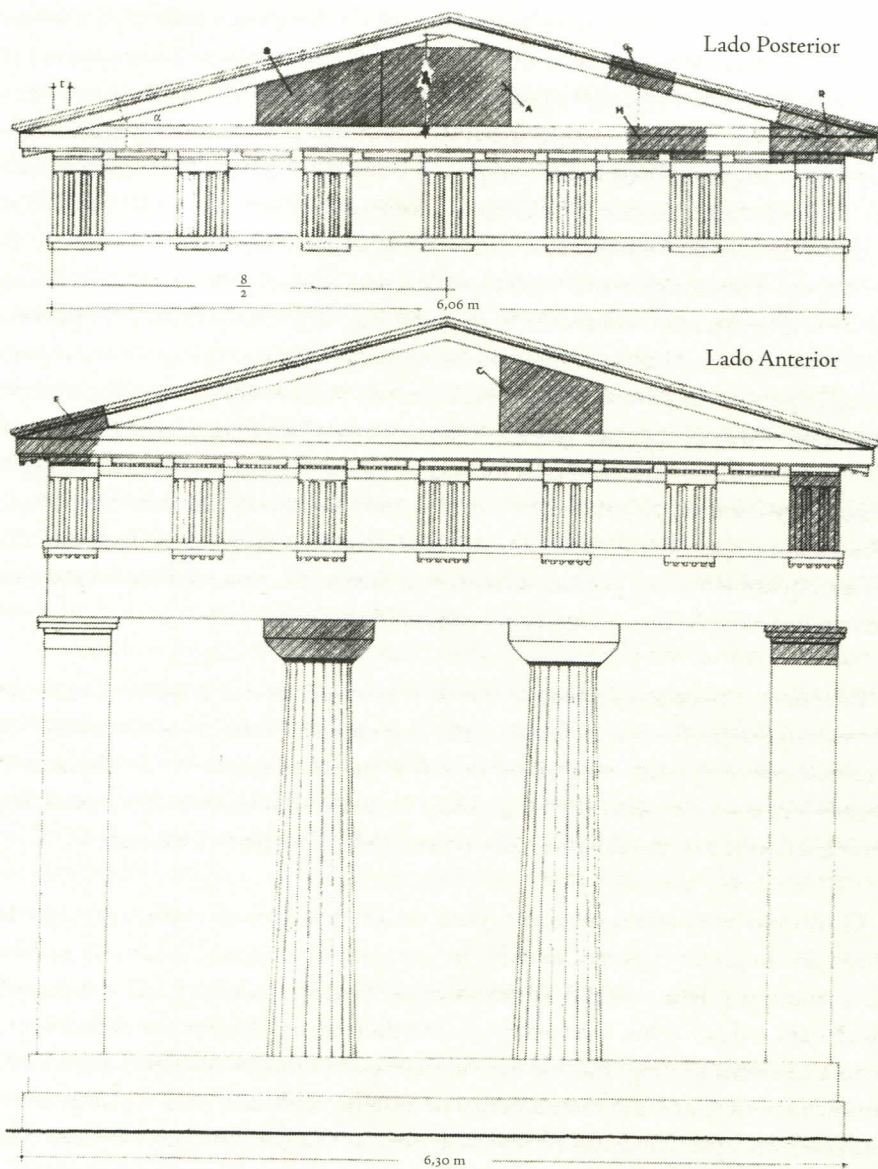
O impacto que tais monumentos causavam, ao testemunharem de forma concreta o poderio desses tiranos, deve ser avaliado levando-se em conta que os santuários pan-helênicos eram o cenário mais importante onde as pólis gregas



Olímpia. The

se apresent  
vas mas tar

Ao lado  
diretos do  
tiranos, co  
competind  
valorizada:



Olimpia. Thesaurós de Siracusa. Reconstrução, em escala 1:1000 (Mertens, 2006, fig. 490, p. 274)

se apresentavam e competiam pelo reconhecimento de suas realizações esportivas mas também, e principalmente, de seus êxitos políticos e econômicos.

Ao lado da construção de edifícios sagrados monumentais – os testemunhos diretos do “consumo conspícuo” como estratégia de representação de poder – os tiranos, como afirmamos inicialmente, se projetavam frente ao mundo grego competindo nos jogos pan-helênicos e, de preferência, na modalidade mais valorizada: a corrida de carros, associada aos valores aristocráticos e heróicos.

Veremos agora como essas vitórias eram amplificadas para a audiência siceliota e da Grécia balcânica por meio dos epinícios compostos, por encomenda, por poetas líricos como Píndaro<sup>15</sup> e Baquilides. Gélon não fez uso deste recurso que, por outro lado, foi amplamente instrumentalizado por seus irmãos Hiéron e Téron de Agrigento. Baquilides compôs as odes 3, 4 e 5 para Hiéron, que também foi homenageado por Píndaro nas *Olímpica 1* e *Píticas 1, 2 e 3*. Para Téron, Píndaro escreveu as *Olímpicas 2 e 3* (Mc Glew, 1993, p. 35, n. 1).

O epinício era um poema de louvor cujo principal objetivo era situar aquele que o encomendara no centro de uma audiência que seria levada, pelo poeta, a admirá-lo com entusiasmo. A vitória em uma competição olímpica era o mote utilizado pelo autor para associar o vencedor ao universo dos homens excepcionais, capazes de proezas tais que só poderiam advir “dos deuses”. Na *Pítica 1* (41-45), Píndaro afirma que “Todas as formas de virtudes humanas vem dos deuses” e, assim, a vitória atlética não é concebida como o resultado de uma preparação física rigorosa, pela habilidade do condutor de carros e sim como “prêmio” dos deuses a quem o mereça por seu nascimento ilustre, por sua piedade ou por suas boas realizações. Assim, a vitória era uma dádiva divina:

Isto também ajuda a explicar a habilidade do poeta da vitória em louvar os vitoriosos que eram só marginalmente responsáveis por suas vitórias. Entre tais vitoriosos estavam os tiranos que competiam em corridas de carros em Olímpia e Delfos e colecionavam prêmios sem conduzir suas próprias parelhas de cavalos e ainda, em alguns casos, sem deixar suas casas para testemunhar suas vitórias (Mc Glew, 1993, p. 36, nota 46).

O recurso ao epinício se alinha, pois, como estratégia de representação e legitimação do poder tirânico, ao lado do “consumo conspícuo”. A mesma audiência, a quem o poeta indica a conexão entre a vitória conquistada e o mundo dos deuses e dos heróis, é colocada diante da imagem do templo monumental como a construção magnífica de um homem excepcional – o tirano. Para Leslie Kurke, o epinício era “um instrumento finamente calibrado para registrar e acomodar o *status* particular do vitorioso dentro de sua comunidade” (Kurke *apud* Mc Glew, 1993, p. 37). Mc Glew amplia essa perspectiva de análise destacando a habilidade do poema em justificar e afirmar as aspirações daquele que o encomendou (Mc Glew, 1993, p.37,,n. 48). Trata-se, enfim, de estreitar os laços entre

15. *Olímpica 1* – dedicada a Hiéron 1, celebrando a vitória de seu cavalo – Ferênicos (de Pherênikos, “Portador da Vitória”) em 476; *Olímpica 2* – dedicada a Téron, por sua vitória também em 476 na corrida de carros; *Olímpica 3* – dedicada igualmente a Téron, pela mesma vitória anterior. Na *Olímpica 6* dedicada a Agesias de Siracusa, vencedor da corrida de mulas, Píndaro volta a exaltar nos vv. 93-96, Siracusa e Ortígia como a terra do “sábio Hiéron”. Esses versos foram encontrados inscritos em um antigo tijolo de Siracusa. A *Pítica 1*, para Hiéron, celebra uma vitória em corrida de carros, provavelmente em 470 e glorifica a fundação de Etna pelo tirano, a quem é dedicada também a *Pítica 3*.

o poder político e a comunidade por meio de instrumentos de comunicação que se vale de variados suportes.

Em síntese, podemos concluir que os tiranos nas áreas ditas “coloniais” instituíram sistemas de representação e legitimação de seu poder político usando, de um lado, o cenário de suas pólis. Inscreveram, no espaço público, edificações sagradas – os templos monumentais –, que funcionaram como claros e duradouros marcos ideológicos, vetores da imbricação entre a religião e a política tão característica do mundo helênico. Nessa perspectiva, objetivaram a comunicação com o público local, mais próximo, os seus governados e as pólis siceliotas vizinhas com quem viviam em clara competição desde as primeiras fases de implantação dos assentamentos. Este contingente mais próximo incluía também as populações nativas que, em muitos casos, haviam sido afastadas de seus espaços originais.

A busca de legitimação voltou-se concomitantemente para o mundo grego, com os tiranos participando das competições atléticas pan-helênicas e comissionando epinícios cuja audiência incluía os cidadãos das pólis por eles governadas e as demais pólis do mundo grego.

Voltando à questão da monumentalidade, podemos concluir com o que talvez seja o exemplo maior na manifestação do “consumo conspícuo” entre os tiranos siceliotas. O irmão de Gélon de Siracusa, Hiéron, não satisfeito em criar monumentos, fundou uma “nova” cidade – Etna, onde anteriormente estava implantada Catânia (Diodoro Sículo II.49.1-3). Tornou-se, então, um verdadeiro oikista e aí atingiu o objetivo que provavelmente todos os demais perseguiram: foi sepultado na ágora da nova pólis e recebeu “as honras devidas a um herói”.

#### Referências Bibliográficas

- BIGNOTTO, N. *O Tirano e a Cidade*. São Paulo, Discurso Editorial, 1998.
- BRACCESI, L. *I Tiranni di Sicilia*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 1998.
- BRUNO, G. “Aristocracia, Tirania e Democracia”. In MINÀ, P. *Urbanistica e Architettura nella Sicilia Greca*. Palermo, Regione Siciliana, Assessorato dei beni culturali, ambientali e della pubblica instruzione, 2005, pp. 8-9.
- DEMAND, N. H. *Urban Relocation in Archaic and Classical Greece. Flight and Consolidation*. Norman and London, University of Oklahoma Press, 1990.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*, 9 vols. Trad. C. H. Oldfather (ed.). Cambridge, Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1933.
- GERNET, L. “Le Mariage des tyrants”. In: \_\_\_\_\_. *Anthropologie de la Grèce antique*. Paris, François Maspero, 1976.
- HERÓDOTO. *História. O Relato Clássico da Guerra entre Gregos e Persas*. Trad. J. Brito Broca, 2ª ed. São Paulo, Ediouro, 2001.
- KNAPP, A. B. “Ideology, Archaeology and Polity”. *Man* 23, 1988, pp. 133-163.



- \_\_\_\_\_. "Power and Ideology in Prehistoric Cyprus". In: HELLSTRÖM, P. e ALROTH, B. *Religion and Power in the Ancient Greek World*. Boreas, 24, Uppsala, 1996, pp. 9-25.
- Mc GLEW, J. F. *Tyranny and Political Culture in Ancient Greece*. Ithaca, Cornell University Press, 1993.
- MERTENS, D. *Città e Monumenti dei Greci d'Occidente. Dalla Colonizzazione Alla Crisi di Fine v Secolo a.C.* Roma, L'Erma di Bretschneider, 2006.
- NAGY, G. *Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1990.
- PEARSON, M. P. e RICHARDS, C. (ed.). *Architecture and Order Approaches to Social Space*. London, Routledge, 1994.
- TORELLI, M. "Archeologia Greca di Sicilia: Il Ruolo dell'Ideologia". In MINÀ, P. *Urbanistica e Architettura nella Sicilia Greca*. Palermo, Regione Siciliana, Assessorato dei beni culturali, ambientali e della pubblica istruzione, 2005, pp. 8-9.
- TRIGGER, B. "Monumental Architecture: A Thermodynamic Explanation of Symbolic Behaviour". *World Archaeology*, 22, 2, 1990, pp.119-132.
- VAN COMPERNOLLE, R. *Étude de chronologie et d'historiographie siceliotes*. Bruxelles/Roma, Institut Historique Belge de Rome, 1959.
- VATTUONE, R. "Metoikesis. Trapianti di popolazioni nella Sicilia greca fra VI e IV sec. a.C.". *Vita e Pensiero*, 57, 1994, pp. 81-113.